

Libra

Don DeLillo

Traduzido do inglês por
Paulo Faria

Com uma introdução do autor

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



No Bronx

Aquele foi o ano em que ele viajava de metro até aos confins da cidade, trezentos e tal quilómetros de carris. Gostava de ficar de pé na parte da frente da primeira carruagem, de mãos abertas, coladas contra o vidro. O comboio precipitava-se, tonitruante, através da escuridão. As pessoas, imóveis no cais das estações onde o expresso não parava, fitavam o vazio, um olhar que andavam há anos a treinar. Ao passar a toda a velocidade, ele interrogava-se, por assim dizer, perguntava a si mesmo quem elas seriam realmente. O corpo vibrava-lhe nos troços mais velozes. Às vezes iam tão depressa que lhe parecia estarem no limiar do desgoverno. O ruído era estridente, atingia um nível de dor que ele assimilava como uma provação pessoal. Mais uma curva tresloucada. Havia tanto ferro no som daquelas curvas que ele quase era capaz de o saborear, como um brinquedo que metemos na boca quando somos pequenos.

Viam-se trabalhadores de lanternas em punho, a caminhar ao longo de carris adjacentes. Ele mantinha-se atento, à espreita das ratazanas de esgoto. Um décimo de segundo era quanto bastava para se ver uma coisa completa. Depois havia as estações expresso, os travões rangentes, pessoas aglomeradas, dir-se-iam refugiados. Transpunham as portas a cambalear, chocavam contra as arestas de borracha, avançavam em passinhos curtos, eram rapidamente encurraladas, a olharem para além dos rostos mais próximos, para o seio daquele olvido experimentado.

Nada tinha que ver com ele. Ele andava de metro só por andar.

Cento e quarenta e nove, os porto-riquenhos. Cento e vinte e cinco, os negros. Na Rua 42, depois de uma curva que sustinha um grito até mesmo ao limite, vinha a maior enchente de todas, pastas,

sacos de compras, mochilas escolares, cegos, carteiristas, bêbedos. Não lhe parecia bizarro que o metropolitano albergasse coisas mais cativantes do que a famosa cidade mais acima. Nada havia de importante lá fora, na tarde ampla, que ele não pudesse encontrar numa forma mais pura nestes túneis por baixo das ruas.

Viam televisão, mãe e filho, no quarto da cave. Ela comprara um filtro colorido para o *Motorola*. O terço superior do ecrã exibia uma cor permanentemente azul, o terço do meio era cor-de-rosa, a faixa inferior era de um verde tremeluzente. Ele disse-lhe que fizera novamente gazeta, que tinha ido de comboio até Brooklyn, onde um homem andava de casaco mas não tinha um braço. Gazear, era como se dizia aqui. Marguerite achava que não era assim tão grave, faltar à escola uma vez por outra. Os outros rapazes estavam sempre a pregar-lhe partidas, e ele tinha dificuldades em acompanhar as matérias, uma turbulência a percorrê-lo, o facto assente de um rapaz órfão de pai. Como daquela vez que ele brandiu um canivete, a ameaçar a noiva de John Edward. Não que Marguerite reconhecesse à sua nora valor para levar a que os dois irmãos se zangassem um com o outro daquela maneira. Não era uma pessoa de alto gabarito, a nora, e tudo não passara de uma discussão por causa de aparas de madeira, por causa de um montinho de aparas que ele deixara cair no chão do apartamento dela, onde eles estavam a tentar ser novamente uma família. E pronto. Já não eram desejados naquela casa e mudaram-se para o quarto da cave, no Bronx, a cozinha e o quarto de dormir e tudo o resto numa só divisão, onde rostos azuis falavam com eles do ecrã do televisor.

Quando ficava muito frio, batiam nos canos com força para o porteiro se dar conta. Tinham direito a um aquecimento como deve ser.

Ali sentada, ela ouvia as queixas do rapaz. Não lhe podia fritar uma travessa de costeletas de cada vez que ele tinha vontade, mas não se mostrava somática com o dinheiro do almoço e até lhe dava dinheiro a mais para um livro de histórias aos quadradinhos ou para um bilhete de metro. Toda a sua vida tivera de lidar com a injustiça destas queixas. Edward abandonara-a quando ela estava grávida de John Edward, porque não queria ter de sustentar uma criança. Robert morreu sem mais nem menos num dia quente e

húmido de verão, na Alvar Street, em Nova Orleães, quando ela estava grávida de Lee, o que implicara ela ter de procurar emprego. Depois houve Mr. Ekdahl, sempre de sorriso nos lábios, o melhor, a única esperança, um homem mais velho que ganhava quase mil dólares por mês, um engenheiro. Mas ele cometia adultérios astutos, até ela finalmente o apanhar em flagrante, recrutando um dos filhos para entregar um falso telegrama e então abrir a porta de rompante e surpreender uma mulher de camisa de noite. Isto não o impediu de maquinar um divórcio que a privou de uma pensão de alimentos condigna. A vida dela converteu-se numa história periclitante, mudando-se para casas cada vez mais baratas.

Lee viu uma fotografia no *Daily News* de gregos a mergulharem de um cais para irem apanhar das águas uma qualquer cruz sagrada, na baixa. Os padres deles têm barbas compridas.

- Achas que eu não percebo qual é o meu papel nesta casa.
- Ainda não parei um minuto o dia inteiro – disse ela.
- Sou um peso morto que tu carregas.
- Nunca disse tal coisa.
- Achas que eu gosto de fazer o meu jantar.
- Eu trabalho. Trabalho que me farto. Não trabalho?
- Mal dá para comer.
- Não sou o género de pessoa que anda pelos cantos a lamentar-se.

Nas noites de quinta-feira, ele via as séries de detetives. *Racket Squad*, *Dragnet*, etc. Diante da janela com barras metálicas, neve a cair de viés à luz dos candeeiros públicos. Frio e humidade setentrional. Ela chegou a casa e disse-lhe que se iam mudar outra vez. Tinha encontrado três divisões na rua cento e tal, perto do jardim zoológico do Bronx, o que talvez fosse simpático para um rapaz que estava a crescer e que se interessava por animais.

- *Serutan* lido às avessas dá *Nature's* – disse a televisão.

Era um apartamento acanhado num prédio de tijolo vermelho, cinco andares, numa rua cheia de figuras lúgubres em exposição. Um rapaz atrasado mais ou menos da idade de Lee deambulava num coxear saltitante, trazendo na mão um lagostim vivo roubado no mercado italiano, e encostava-o à cara dos garotos mais pequenos. Eis um espetáculo rotineiro. Lutas à pedrada eram rotineiras. Tipos com pistolas artesanais que tinham manufaturado na aula

de trabalhos oficinais estavam a tornar-se rotineiros. Da sua janela, certa noite, ele viu dois rapazes a meterem o gato da mercearia dentro de um saco de serapilheira e a baterem com o saco com toda a força contra um poste de iluminação. Tentava cronometrar os seus movimentos tendo como ponto de referência o ritmo da rua. Evitar sair de casa do meio-dia à uma, das três às cinco. Conhecer as vielas, usar o escuro. Viajava de metro. Passava imenso tempo no jardim zoológico.

Havia velhos que não se sentavam nos degraus diante da porta do prédio sem antes terem estendido os lenços cautelosamente na pedra cinzenta.

A mãe dele era baixa e magra, agora a ficar com o cabelo ligeiramente grisalho. Gostava de dizer que era delicada, um gracejo que levava a sério. Ficavam a ver-se um ao outro comer. Ele aprendeu sozinho a jogar xadrez, lendo um manual, sentado à mesa da cozinha. Ninguém se apercebia de como lhe era difícil ler. Ela comprava *bibelots* e bugigangas e falava acerca do tema da sua vida. Ele ouvia-lhe os passos, ouvia a chave dela na fechadura.

– Está aqui outra notificação – disse Marguerite – em que me ameaçam com uma audiência em tribunal. Tens andado a esconder estas cartas? Marcaram uma audiência por causa das tuas faltas à escola, dizem que este é o último aviso. Diz aqui que não puseste os pés na escola desde que nos mudámos. Nem uma única vez. Não sei porque é que eu tenho de ficar a saber estas coisas pelo correio. É um golpe, é um choque para mim.

– Porque é que eu hei de ir à escola? Eles não me querem lá e eu não quero lá estar. Assim é melhor para todos.

– Vão cair-nos em cima. Não é como lá na nossa terra. Vão levar-nos a tribunal.

– Eu não preciso de ajuda para ir a tribunal. Podes ir trabalhar como noutra dia qualquer.

– Eu teria dado tudo para ficar em casa e criar os meus filhos como deve ser, sabe-lo bem. Isto é uma coisa que me magoa imenso. Não te esqueças, eu própria cresci só com o meu pai. Sei como é dura esta situação. Trabalhei em lojas lá na nossa terra, era gerente.

E pronto, vai começar. Ela esquecia-se de que ele ali estava. Falava durante duas horas a fio no tom estridente e aflautado de

alguém que está a ler histórias a uma criança. Ele contemplava a mira técnica da DuMont.

– Adoro este meu país, os Estados Unidos, mas não me agrada nada comparecer em tribunal, que foi o que aconteceu com Mr. Ekdahl, que me acusava de acessos de raiva descontrolada. Eles vão sublinhar que nos avisaram oficialmente. Vou dizer-lhes que sou uma pessoa que não frequentou a escola, que mesmo assim tenho uma vida decente, não ando com más companhias e mantenho a casa asseada. Somos uma família de militares. Ora aí está a minha defesa.

O jardim zoológico era a três quarteirões de distância. Havia vestígios de gelo ao longo da orla do lago das aves selvagens. Ele encaminhou-se para a casa dos leões, de mãos enterradas nos bolsos do blusão. Ninguém. O odor atingiu-o em cheio, uma onda quente e poderosa, o fedor colossal e carnívoro a carne crua e a pelo de animal e a mijo fumegante.

Quando ouviu as pesadas portas a abrirem-se, as vozes sonoras, percebeu o que o esperava. Dois rapazes da Escola Pública N.º 44. Um rapaz atarracado chamado Scalzo, de casacão grosso azul-marinho e sapatos com protetores metálicos nos tacões, claquete-claquete, acompanhado por um comediante mais pequeno, de nariz sempre a pingar, que Lee conhecia somente pela alcunha, que era Nicky Negro. Estavam ali para atormentar os bichos, para criar os distúrbios habituais que lhes preenchiam os dias. Ele quase lhes sentiu o pequeno surto de alegria no momento em que o avistaram, um ténue sobressalto dos músculos da garganta.

A voz de Scalzo martelou através da galeria de teto alto.

– Chamam o teu nome todos os dias lá nas aulas. Mas que raio de nome é esse, Lee? É nome de miúda ou quê?

– Ele chama-se Tex – interveio Nicky Negro.

– É um vaqueiro – disse Scalzo.

– Sabes o que é que os vaqueiros fazem, não sabes? Explica-lhe, Tex.

– Andam de roda das vacas – acrescentou Scalzo.

Lee saiu pela porta norte, com um vago sorriso nos lábios. Desceu os degraus e dirigiu-se para as gaiolas enfeitadas das aves de rapina. Não se importava de lutar. Estava disposto a lutar. Tinha

andado à pancada com o rapaz que atirara pedras ao cão dele, andou à pancada e venceu, deu-lhe uma bela tarefa, uma valente coça, pôs-lhe o nariz a sangrar. Isso foi na Vermont Street, em Covington, quando ele tinha um cão. Mas esta perseguição era um tormento. Eles espicaçavam-no, desinteressavam-se, tornavam a aproximar-se em círculos incertos, a desferir-lhe alfinetadas, a beliscá-lo, a esfregar-lhe sal na ferida.

Scalzo deambulou ao encontro de um grupo de rapazes e raparigas mais velhos aglomerados em volta de um banco, a fumar. Lee ouviu alguém a dizer:

– Um *Rocket Olds* bicolor com rodas de raios de arame.

O abutre-papa estava pousado no seu poleiro, de cabeça e pescoço calvos. Há um abutre que parte ovos de avestruz atirando pedras com o bico. Nicky Negro estava parado ao seu lado. As pessoas diziam sempre a alcunha completa, nunca diziam só Nicky nem só Negro.

– Gazear é uma coisa. Por mim, tudo bem. Mas tu não pões lá os pés durante um mês inteiro.

Soava como um elogio.

– Jogas bilhar, Tex? O que é que tu fazes, passas o dia inteiro em casa? Bilhar de bolso, certo? Pensa depressa.

Fez de conta que desferia um soco nos testículos de Lee, recuou.

– Mas porque é que tu vives aqui no Norte? O meu irmão fez a tropa em Fort Benning, na Georgia. Diz que eles têm de segurar uma pedrinha na mão para conseguirem distinguir a esquerda volver da direita volver. Isto é verdade ou quê?

Imitou os movimentos de um pugilista, a menear a cabeça, a respirar rapidamente pelo nariz.

– O meu irmão está na Guarda Costeira – explicou-lhe Lee. – É por isso que aqui estamos. Puseram-no em Ellis Island. Segurança portuária, é como se chama aquilo.

– O meu irmão está agora na Coreia.

– Tenho outro irmão nos Marines. São capazes de o mandar para a Coreia. É isso que me aflige.

– Não é com os coreanos que tens de te afligir – disse Nicky Negro. – É com os filhos da puta dos chineses.

Havia reverência na sua voz, uma vaga entoação de temor. Calçava sapatos de lona rotos e um impermeável da tropa quase